

A vez e a voz da mulher na literatura açoriana: o caso de *Pedras Negras* de José Dias de Melo

Maria João Dodman
Professora Auxiliar
York University, Canadá

Ao grande Dias de Melo, para sempre na minha memória!

Desde as fases iniciais do povoamento das ilhas açorianas, a mulher tem sido subjugada a uma existência de dependência, limitada aos seus deveres domésticos ou familiares como filha, esposa ou mãe. Hoje sabemos e reconhecemos que durante os difíceis conflitos entre o homem e a natureza agreste das ilhas, também estava a mulher, companheira fiel de muitas batalhas.¹ No entanto, como assinala Maria da Conceição Vilhena ao descrever a sua situação histórica, a mulher pertencia a dois pólos opostos. Ou era uma “escrava explorada” ou uma “parasita exploradora”, mas sempre um ser inferior, cuja lei “era a da obediência, disfarce, submissão e resignação” (91). Além disso, parece que a condição da mulher açoriana era ainda mais problemática do que no resto do país devido à existência enclausurada que lhe era imposta.²

Assim, enquanto se constatava o progresso do feminismo mundial, nos Açores havia resistência considerável. Foi em grande parte graças

¹ Referimo-nos especialmente às mulheres do campo que, por necessidade tiveram que envolver-se no mundo laboral: “as mulheres dos camponeses partilhavam das suas dificuldades, estando-lhes reservada uma vida bastante dura, por vezes nas próprias fainas agrícolas (Mendonça 155). É importante salientar que no século XX, devido às grandes migrações masculinas, a mulher passou a ter um papel mais sobressalente no mercado de trabalho. No entanto, esta situação não trouxe mudanças positivas para as mulheres pobres, especialmente as camponesas, que foram abandonadas durante anos numa luta incessante para sobreviver e manter a família (Sadlier 123).

² De facto, a falta de liberdade da mulher açoriana era extraordinária. À exceção das camponesas, que por necessidade tinham que trabalhar dentro e fora de casa, exigia-se o recato absoluto à mulher, chegando até a ser vigiada pelos vizinhos (Mendonça 149). A sua situação era tão extrema que chamava a atenção de vários escritores, ao ponto destes anotarem várias referências sobre o assunto. Eram principalmente os estrangeiros os que faziam mais reparos. Por exemplo, Gustave Hebbe em visita ao Faial nota o seguinte: “As mulheres de certa ordem conservam uma reserva, que outrora lhes foi imposta pelos ciúmes dos homens, e hoje pela opinião pública. Enquanto solteiras, são severamente vigiadas pelas pessoas encarregadas da sua educação, depois de casadas continuam a ser vigiadas umas pelas outras e pelos maridos. Não lhes é permitido sair à rua em companhia doutras mulheres ou de um membro da sua família” (citado em Mendonça 150).

aos esforços de Alice Moderno³ que as açorianas – as poucas que sabiam ler – se mantinham a par do progresso das mulheres da Rússia, da Hungria, dos Estados Unidos, e do resto do mundo. No entanto, embora Alice Moderno escrevesse sobre o direito da mulher ao trabalho, à educação e outros temas de cariz sério, era também frequente encontrar outro tipo de escrita que recomendava que as mulheres não perdessem os seus dotes naturais. Luís Leitão chega a escrever que: “a mulher que o sabe ser nunca faltaram dotes naturais que, a despeito da falta de uma grande formosura, a tornam apreciada e benquista do homem (citado em Vilhena 95). Do medo de que a mulher se masculinizasse, surge também a seguinte pergunta de um jornalista: “porque será que todas as feministas são feias?” A tal imprópria pergunta, o jornal *A Madrugada* responde simplesmente com outra: “porque será que todos os antifeministas são idiotas?” (citado em Vilhena 95). Acrescenta Vilhena com razão que a resistência à igualdade feminina provem do facto de que estes antifeministas querem que a mulher continue na sala, no quarto e na cozinha (91). Apesar disso, com a implantação da República em Portugal dá-se certa abertura, renovando-se assim o interesse em questões feministas. Não só beneficia a mulher de novas leis e liberdades, mas também, e falando particularmente do caso açoriano, houve até certos dignitários da Igreja que defendem e promovem a igualdade feminina (Vilhena 107-108).⁴ Infelizmente, as políticas retrógradas do Estado Novo trazem consequências catastróficas para o avanço da agenda feminista em Portugal. Como é de todos sabido, o salazarismo reduziu a mulher a mera possessão do homem, com poucos ou nenhuns direitos civis, económicos, políticos ou sociais.⁵

Este breve estudo ambiciona dar voz àquelas que mais sofreram, as mulheres esquecidas, especialmente as camponesas que trabalhavam diariamente na terra e no lar. É o escritor José Dias de Melo, possuidor de

³ Alice Moderno, embora hoje pouco conhecida, foi uma mulher de extrema importância no desenvolvimento de movimento feminista nos Açores. Moderno foi a primeira mulher a frequentar o Liceu nos Açores e foi ela também responsável por várias iniciativas comunitárias, entre elas as questões sobre os direitos da mulher. Maria da Conceição Vilhena oferece-nos um valioso estudo sobre esta mulher pioneira no seu livro *Alice Moderno. A Mulher e a Obra*.

⁴ Vilhena cita as palavras do Bispo de Peoria que defende não só a participação da mulher em todos os campos da sociedade, porque “a grande questão não é ser-se homem ou ser-se mulher; é ter sabedoria, virtude e amor” (108).

⁵ É importante sublinhar algumas políticas de Salazar que afectaram consideravelmente a situação feminina em Portugal; em primeiro lugar, a constituição de 1933 proclamou a igualdade de todos, à excepção das mulheres. Assim, as mulheres não podiam obter um passaporte, nem sair do país sem a autorização escrita dos maridos. De notar que esta lei esteve em vigor até 1969.

uma imensa sensibilidade humana, quem consegue valorizar a mulher dentro daquele ambiente misógino e turbulento que caracterizou a maior parte do século XX. O romance *Pedras Negras* publicado em 1962 aborda a vida árdua açoriana, mais precisamente a labuta diária do Picoense entre terra e mar, vítima do pouco que este meio lhe oferecia. Ela, a mulher, geralmente excluída dos discursos oficiais, aparece nesta obra ao lado do homem. Ela será em *Pedras Negras* símbolo de ternura, humanidade e espírito lutador. É ela que alimenta não só as necessidades físicas da família mas também as emocionais. Mesmo dentro da sala, do quarto e da cozinha, Dias de Melo sabe apreciar o valor feminino e a sua contribuição ao mundo.

Pedras Negras narra a história de Francisco Marroco que, para escapar a pobreza e oferecer uma vida melhor a Maria do Roque, dá “o salto” com o amigo João Peixe-Rei, no navio baleeiro *Queen of the Seas*. Marcado de uma viagem que durou três longos anos no mar e magoado da morte do seu único e grande amigo João Peixe-Rei, Francisco finalmente chega à América. Com muita dificuldade, solidão, fome e desespero, percorre a pé o continente americano até chegar a Califórnia onde finalmente encontra outro açoriano que o acolhe e lhe dá trabalho. Depois de algumas desilusões e peripécias, Francisco encontra-se no lar de Miguel e Elisa, também açorianos, e é aí onde se realiza tanto financeiramente como emocionalmente. Como qualquer açoriano que vive fora e dentro de si a ilha imaginária ou mítica, Francisco regressa ao Pico para casar-se com Maria e em pouco tempo, decide trocar a Califórnia pela ilha, terra que como diz ele próprio “não podia mais desapegar-se” (93). A mulher é uma constante da vida de Francisco. Ao largo da narração, existem duas que mantêm uma relação íntima com Francisco: Isabel, a mãe de Francisco e Maria do Roque, o seu primeiro e único amor.

Francisco tem uma conexão especial com a mãe; a ternura que ele sente por ela é imensa. A despedida foi difícil. A mãe carinhosamente preparou-lhe uma saquinha, na qual pôs

uns traços de bolo seco. A mãe é que fizera o bolo seco, a saquinha de retalhos, a roupa de lã; que também fiara e também tecera. A mãe! Quando pedira que o deixassem embarcar, ela chorara ... À porta já, a meter-se a noite no primeiro passo para a sua grande caminhada pelo mundo, confidenciara à mãe ... E a mãe compreendera. E no frio e na humidade que lhe enregelavam os ossos, enchia-lhe a alma o calor do último beijo da mãe. (35)

É o último beijo da mãe que ele mais tarde recorda com carinho. São as cartas dela que o encorajam. Nessas cartas, Isabel é o compasso moral de Francisco. Apesar da distância ela não deixa de aconselhar o filho:

respeita toda a gente e os teus patrões e fala sempre a verdade e nunca faças coisas feias olha que a gente somos pobres mas sempre fomos honrados e bem ensinados e desculpa que te diga isto mas tu és o nosso filho e enquanto formos vivos temos obrigação de te aconselhar. (57)

A mãe de Francisco, além da grande fibra moral que possui e com a qual educa o filho, é também indispensável no gerir da família e do lar. Embora limitada ao ambiente doméstico onde aparece sempre a desempenhar as suas obrigações com perfeição, ela não é considerada em nenhum momento inferior ao marido. De facto, o pai menciona varias vezes a importância daquela a que ele apropriadamente chama de companheira; é com amor que ele a admira no dia do casamento do Francisco: “a doce companheira bailando e cantando também cantigas lindas. Ela – que em nova não bailava nem cantava a bem dizer” (90). Quando ela morre, ele sente imediatamente a sua falta e admite a dificuldade de viver sem ela: “levaram-lha no caixão – e ele espantou-se, ao sentir que lhe arrancavam metade do próprio corpo, metade do próprio ser. E gemeu, na dor do seu pranto: – Não vais esperar muito por mim, minha doce amiga!” (109). O velho acaba o resto dos seus dias num estado sonâmbulo, saudoso da sua doce e querida companheira, tanto que “pedia ao Senhor que o levasse para junto dela” (110). Quando morreu “houve quem dissesse que lhe vira, ao descer à cova, um sorriso nos lábios – nem que fosse namorado feliz caminhando ao encontro da noiva ditosa” (110).

Maria do Roque é a que talvez melhor exemplifique a condição recatada e subjugada da mulher açoriana. Perde a pouca liberdade que tem devido às suspeitas do pai sobre o possível namoro com Francisco. Deste modo cessam os encontros clandestinos que até então tinham cautelosos entre veredas e canadas. Por esse motivo Maria deixa de aparecer. Entre soluços, ela explica mais tarde a Francisco: “meu pai ... não me alembro de o ver tanto zangado. Bateu-me, fechou-me em casa. Hoje foi ao mato. Eu rebentava de saudades. Minha mãe deixou-me vir” (30). Ao contrario do trato que recebe em casa, Francisco venera-a desde o primeiro encontro. Maria, à imagem da própria mãe de Francisco, é a doce companheira, parceira em todos os sentidos. Na ocasião do nascimento do filho é visível o carinho de Francisco por Maria:

Francisco corria emocionado para junto de Maria e perguntava ansioso, não tivesse acontecido alguma coisa na sua ausência: – O nosso menino? – O nosso menino dorme. Não lhe toques, não lhe mexas que o podes acordar. E ele não tocava, nem mexia, receava até magoar o seu menino com as suas mãos desajeitadas. Imóvel, a estremecer de ternura, olhava aquele corpinho adorado: carne da sua carne e da carne de Maria! Sangue do seu sangue e do sangue de Maria! Alma da sua alma e da alma de Maria! Unificação dos dois numa pessoa só pelo milagre do amor! (107)

A contribuição de Maria ao lar é, em muitos sentidos, idêntica à de Isabel, tendo Maria uma função primordial tanto em casa, como na criação e na educação dos filhos; o impacto positivo do seu trabalho no lar é admirável. Ao chegar a casa, Francisco nota que “quando à noitinha, esfalfado, entrava em casa... Tudo tão arrumado! Flores por cima das mesas e nas cantoneiras das paredes; o soalho tão lavado que até um homem se desgostava de lhe tocar com os pés e lhe apetecia beijá-lo” (109). Não há dúvida que a casa, graças ao esmero e dedicação de Maria, representa para Francisco aquele espaço seguro, onde desaparecem os problemas da vida diária que são substituídos pela harmonia, pela limpeza e pelo bem-estar familiar. Além disso, é Maria também quem assiduamente ajuda os filhos com as lições da escola (115). E ela que proporciona um ambiente seguro nos mais íntimos e ternos detalhes do lar.

De facto, quando Maria adoece no ano da seca, o lar desaparece. No seu desespero Francisco chega a levá-la estirada numa padiola ao médico. Depois de vencerem uma longa caminhada e uma noite tenebrosa, Maria morre à porta do médico. Francisco aperta e admira as mãos do seu amor naqueles últimos momentos. As mãos de Maria representam a sua vida esforçada. Ao segurar “aquelas mãos, calejadas, gretadas, encardidas” Francisco lembra aquelas mesmas mãos de quando eram crianças, que eram “finas, mimosas, delicadas. Depois, o regresso da América, a noite do casamento...” (120-121). O que Francisco enumera e não acaba por dizer mas que nota nas mãos de Maria é o desgaste físico daquela mulher, cuja velhice precoce é o resultado de uma vida sacrificada e dedicada à família. Foi nesse momento que também acabou a vida de Francisco: “e tudo se desfez e perdeu para Francisco: a alegria, a fortuna, o sonho e a vida que sonhava para os filhos” (121). A partir desse dia “tudo era indiferente a Francisco Marroco” (121)! Ele, assim como o pai,

convertera-se em “trapo humano, frangalho de desespero, passava os dias enclausurado no quarto, deitado na cama, sem dormir, sem falar, sem comer, imóvel e de olhos fixos no tecto. Naquele quarto, naquela cama – cheios da presença de Maria” (121).

Adelaide Batista e Vamberto Freitas afirmam que na literatura produzida nos Açores por mulheres ainda não há uma afirmação feminina, mas sim um processo de denúncia contra o isolamento histórico que as tem vitimado. Os autores concluem que devido ao facto de que a tradição literária tem sido dominado por homens, só recentemente tem sido possível as mulheres articularem e encontrarem a sua voz. Embora seja verdade que dita tradição tenha excluído tanto a mulher como as suas preocupações, tampouco podemos diminuir a contribuição de notáveis escritores. Como podemos constatar em *Pedras Negras* a morte de Isabel e de Maria trazem consequências devastadoras tanto para o pai como o filho. A presença feminina é essencial; sem elas eles deixam de existir, revelando assim que elas são o coração da família cuja ternura e dedicação oferecem o único refúgio à condição degradante que todos, tanto homens como mulheres, viviam naquela época. Portanto, Dias de Melo eleva não só a humanidade e a tragédia real da vida baleeira dos Picoenses, mas também a vida das suas companheiras que em terra rezavam pelo regresso dos maridos e dos filhos. Elas eram aquelas que muitas vezes enviuvavam antes do tempo como Idalina, a viúva de João Peixe-Rei. Apesar de numerosas dificuldades, estas mulheres não cessavam de lutar. Como nos diz a própria Idalina “poderia sucumbir – mas lutando” (74). Não esqueçamos a carta da mãe de Francisco que narra as extremas necessidades do povo durante um ano de grande seca; sob ameaça de ficarem sem o milho mínimo para a subsistência dos pobres, as mulheres participam em protesto contra a prisão do Manuel Ratinho. Diz a mãe que “todos apareceram em riba do cais os homens com foices e forcados e as mulheres com pedras debaixo das saias que era para não deixar que os marujos e os soldados pusessem a mão no Manuel Ratinho” (56). As mulheres participam activamente em todos as decisões familiares e comunitárias. O apoio delas é essencial na votação da nova gerência da companhia baleeira: “não era fácil. Todos a um lado, talvez não bastassem para se oporem ao capital subscrito pelos membros da antiga gerência. Precisavam convencer a representação feminina a dar-lhes apoio” (111).

É com razão que assinala Victor Rui Dorés a injustiça em catalogar Dias de Melo como simples autor de temática baleeira. A sua visão é muito mais englobante. Se bem que na realidade a princípios do século XX predomina a labuta baleeira, não passa despercebida a dureza da terra, a deslumbrante mas agressiva realidade picoense e especialmente

a ternura feminina, que em *Pedras Negras*, através de Isabel e Maria, revela-se na união da família, na manutenção do lar, nos minúsculos detalhes que lhe conferem aquela tão necessária alegria, essencial para a sobrevivência diária de uma realidade empobrecida e triste. A verdade é que a sensibilidade humana que possui Dias de Melo não tem preferência de sexo; ao fim e ao cabo Dias de Melo não nega o impacto daquelas mulheres que lhe influenciaram; em *Poeira do Caminho*, o escritor brinda-nos alguns dos episódios que segundo ele, mereceram ser incluídos nestas reminiscências do passado, vivências do presente. Não passam despercebidas as varias mulheres que, na vida de este grande escritor, mereceram consideração importante. No livro, dedicado este também a uma amiga, Dias de Melo relembra com carinho especial a mãe e as tias. Foram as tias as que alimentaram e guiaram a aprendizagem do jovem Dias de Melo. Entre elas, a sua tia Cecília, que o preparou para o exame de Liceu. De igual modo, o escritor valoriza a tia Maria Hermínia pela sua “imensa cultura geral ... intuição pedagógica e didáctica” (298).

Pedras Negras revela-nos um mundo em que as mulheres são imprescindíveis; a mãe, a amada e todas aquelas com quem Francisco Marroco se encontra marcam a narrativa com uma profunda sensibilidade humana dando vez e voz à mulher açoriana.

Obras citadas

- Batista, Adelaide e Freitas, Vamberto. “Women’s literary contribution in the Portuguese region of the Azores,” *Engendering Identities*. Ed. Susan Pérez Castillo. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1996.
- Dias de Melo, José. *Pedras Negras*. Lisboa: Vega, 1985.
- _____. *Poeira do Caminho. Reminiscências do Passado, Vivências do Presente*. Porto: campo das letras, 2004.
- Dores, Victor Rui. “Da Condição Humana em *Pedras Negras*, de Dias de Melo,” *Seixo Review*, 2003.
- Mendonça, Luís. *Aspectos da Vida Quotidiana nos Açores (perspectiva histórica)*. Ponta Delgada: Nova Gráfica, 1998.
- _____. *História dos Açores. Visão Geral (secs. XV-XIX)*. Ponta Delgada: Centro de Apoio Tecnológico à Educação, 1996.
- Sadlier, Darlene J. “Feminism in Portugal: A Brief History.” *The Question of How. Women Writers and New Portuguese Literature*. 113-129.
- Vilhena, Maria da Conceição. “Alice Moderno e a Condição Feminina.” *Revista de Cultura Açoriana*. 1 (1989). 91-117.

Alice Moderno. A Mulher e a Obra. Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1987.

III Congresso Internacional
A Vez e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora:
Macau e Outros Lugares
2-5 de Maio de 2007
Macau

As actas do Congresso foram publicadas pela
Universidade de Macau em Maio de 2009.

Website: www.umac.mo
Email: pub.enquiry@umac.mo